

**ACEITAÇÃO E SUPERAÇÃO DO ERRO MOTOR  
POR PRATICANTES DO TIME DE FUTSAL FEMININO DA UFPB**Violeta Vieira de Brito<sup>1</sup>  
Caroline de Oliveira Martins<sup>1</sup>**RESUMO**

As habilidades motoras devem estar bem desenvolvidas para otimizar o desempenho dos desportistas, logo este estudo de caso de cunho misto com delineamento transversal traz um novo método para melhoria das habilidades no futsal. O objetivo foi analisar a eficácia do método sobre a aceitação e a superação do erro motor (ASEM) através da percepção de praticantes do time de futsal feminino. Portanto, realizaram-se entrevistas semiestruturadas que foram analisadas através análise do discurso de praticantes (n = 3) do time de futsal feminino da Universidade Federal da Paraíba. O método foi aplicado por estudantes do curso de Educação Física da UFPB utilizando-se imagens, taxonomia bidimensional aplicada pela prática em blocos e feedback. Para a seleção das participantes e das habilidades motoras realizaram-se durante os usuais treinos observações e filmagens. As atividades foram aplicadas individualmente em dois encontros semanais de trinta minutos de duração cada. Identificou-se características das praticantes por frequência absoluta, média e desvio padrão. As praticantes eram destros, média de idade de 21,6 anos ( $\pm 3,0$ ), apresentando-se nas fases associativa (n = 2) e cognitiva (n = 1) de aprendizagem nas habilidades dominar e chutar. Os resultados indicaram que duas praticantes aceitaram prontamente seu erro motor, enquanto outra precisou de mais recursos visuais e verbais para aceitar seu erro. Segundo a percepção das participantes o método, ASEM mostrou-se eficaz ao propiciar o aperfeiçoamento das habilidades motoras pesquisadas, apresentando-se como uma contribuição viável na melhoria do desempenho motor no futsal.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Educação física. Treinamento. Destreza motora.

1-Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa-PB, Brasil.

**ABSTRACT**

Acceptance and overcoming of motor error by practitioners from UFPB female's futsal team

The motor ability has to be well developed so the athletes can optimize their performance, so this cross-sectional case study of mixed nature, with transversal lineation presents a new method to improve the abilities of futsal. The objective is to analyze the efficiency of the method related to acceptance and overcoming of motor error (AOME) thru the female futsal team participates' perception. Thus, semi-structured interview was made and examined by the speech analysis of female futsal players (n= 3) from the Universidade Federal da Paraíba/UFPB's team, with the practitioners' characteristics identified by absolute frequency, mean and standard deviation. The AOME method was apply by Physical Education's students, using images, bidimensional taxonomy, applied in blocked condition and feedback. To select the participates and ability observations and video recording during usual training were done. The activities were practiced individually in two days per week, thirty minutes per day. The participates were dexterous, mean age was 21,6 years ( $\pm 3,0$ ), were classified into associative (n=2) and cognitive (n=1) stage of learning on ball controlling and kicking. The results showed that two players accepted their motor error quickly, meanwhile the other one needed more visual and verbal resources to visualize and accept her mistake. In conclusion, the AOME method was effective to promote the improvement on the motor skills researched, showing a valid contribution to the upgrade of futsal's motor performance.

**Key words:** Learning. Physical education. Training. Motor skills.

E-mails dos autores:  
vzb\_vzb@hotmail.com  
carolineufpb@gmail.com

## INTRODUÇÃO

As habilidades do futsal podem ser divididas em técnicas individuais dos jogadores de linha e do goleiro. As técnicas individuais dos jogadores de linha são conduzir, passar, chutar, dominar, driblar, fintar, marcar e cabecear; já as do goleiro são espalmar, defender, lançar, pegar, fechar o ângulo e sair, porém, esta posição também requer uso de técnicas dos jogadores de linha (Voser, 2003).

O desempenho técnico de um(a) jogador(a) pode influenciar diretamente no resultado de uma partida, tanto positivamente quanto negativamente (David, Picanço e Reichert, 2014).

No futsal as habilidades motoras podem ser mais difíceis de desempenhar e apresentam maior possibilidade de erro, pois neste jogo dinâmico as dimensões da quadra se tornam pequenas com relação à quantidade de jogadores, o que exige do praticante rápida tomada de decisão e ação (Aburachid e colaboradores, 2015).

Logo, cada uma das técnicas – que podem ser entendidas como habilidades motoras – anteriormente citadas devem estar bem desenvolvidas no desportista de maneira a otimizar seu desempenho, sendo o treinamento um modo de aperfeiçoar os fundamentos do jogo.

As habilidades podem ser melhoradas com o uso de feedback durante o treinamento, que pode ser dividido em inerente (a própria pessoa que desempenha a habilidade consegue perceber as informações referente à performance) e aumentado (informação externa, fornecida por outra pessoa, equipamentos eletrônicos, etc., apresentada à pessoa que desempenha a habilidade). O feedback pode ser descritivo, usado para comunicar o erro, e prescritivo, que é utilizado para mostrar o erro e orientar na correção (Schmidt e Lee, 2016).

Existem diversos métodos a serem seguidos no ensino e no treinamento do futsal, que vão desde princípios analíticos até abordagens que desenvolvem maior compreensão de jogo, ou ainda a combinação de métodos já existentes. Contudo, sugere-se criar novos métodos que se adaptem à necessidade do aluno ou atleta (Waltrick e Reis, 2016).

Por exemplo, seria possível utilizar a prática em blocos, que consiste em repetir a mesma habilidade motora em um número

elevado de repetições ou por um tempo determinado, passando para a segunda habilidade após terminar toda a prática da primeira e assim por diante, com o foco em um movimento específico por vez (Schmidt e Lee, 2016).

Deste modo o presente artigo traz uma proposta de método para a aceitação e a superação do erro motor/ASEM (Martins, 2018) com o intuito de principalmente contribuir para a melhoria do desempenho individual ao analisar a percepção de praticantes de futsal feminino sobre a eficácia do método ASEM.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo derivou de um estudo de caso de cunho misto (quantitativo e qualitativo) – útil na compreensão de novas ideias e de elaboração de hipóteses, principalmente em conteúdos ainda não trabalhadas amplamente – apresentando delineamento transversal, já que as participantes não foram investigadas ao longo dos anos (Thomas, Nelson e Silverman, 2007).

Para o tratamento dos dados quantitativos usou-se a frequência absoluta, média e desvio padrão. Já para os dados das entrevistas semiestruturadas empregou-se a análise do discurso (Orlandi, 2001), que visa compreender os aspectos mais significantes da fala e resgatar o sentido da transcrição dos discursos.

As entrevistas foram transcritas e divididas em seis categorias (impressões gerais, pontos positivos, pontos negativos, sugestões, demais observações e sentimentos com relação à entrevista), com a manutenção das expressões e construções linguísticas típicas da oralidade. Para preservar a privacidade das participantes solicitou-se que elas escolhessem uma pedra preciosa para ser utilizada como codinome.

Os materiais utilizados foram um aparelho celular (iPhone 5s) para filmagem; um notebook (Dell 2 em 1 Inspiron 11 Série 3000) para cortes dos vídeos, transformação em câmera lenta, congelamento e marcação das imagens, bem como apresentação do material resultante do processo para as participantes; entre uma e quatro bolas de futsal (uma Penalty storm 500, uma Keeper 300 e duas Penalty max 500) durante a aplicação da segunda fase do método ASEM; uma bomba para encher bolas (Kipsta dupla ação); oito cones e três marcadores para

delimitação do espaço e alvo; três aparelhos (iPhone 5s, Samsung Galaxy Ace e X-Sound! Mp3 player) para gravar as entrevistas; caderno e lápis para demais anotações.

A pesquisa foi realizada entre 18 de julho e 10 de outubro de 2018 e teve como participantes três atletas, do sexo feminino, do time de futsal da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As pesquisadas afirmaram já terem praticado a modalidade antes de ingressarem no time de futsal feminino da UFPB.

O responsável pelo time de futsal assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como as demais participantes, propiciando a aplicação do estudo.

Essa pesquisa foi submetida e aprovada sob o Protocolo CAEE 79024217.0.0000.8069 no Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas/CCM da UFPB e seguiu as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde.

O presente estudo de caso (n=3) satisfaz a quantidade mínima de jogadores de acordo com a Regra do Futsal, indicando que a partir de três jogadores(as) na quadra o jogo pode ser iniciado ou continuado (Cbfs, 2018).

Os critérios de inclusão da pesquisa foram ter 18 anos ou mais e participar do time de futsal feminino da UFPB, enquanto que os de exclusão foram faltar três treinos seguidos ou desistir de integrar a pesquisa.

Antes de introduzir a aplicação do método ASEM foi determinado o nível de aprendizagem motora das praticantes, que se deu a partir da classificação de três estágios idealizada por Fitts e Posner (1967).

Em seguida deu-se início ao método ASEM, dividido em duas fases (Martins, 2018); para a fase da aceitação do erro motor (primeira fase), que visa facilitar a elucidação do praticante sobre o que estaria equivocado na técnica (visto que nem todas poderiam perceber e/ou aceitar que estão desempenhando movimentos erroneamente), filmaram-se as atuações das praticantes durante os treinos do time.

Além das filmagens, que foram avaliadas por mais de um pesquisador (total de sete pesquisadores aplicaram o método, todos dos cursos de Educação Física da UFPB), incluindo a avaliação de pessoa que atuou na área com experiência prática, observações in loco foram realizadas a fim de eleger a habilidade a ser trabalhada (erro mais crítico).

Em seguida, tendo como base um checklist da habilidade (lista dos movimentos que necessitam ser desempenhados), congelava-se o vídeo no erro mais crítico dando origem a imagens que ressaltavam um aspecto positivo desempenhado pelas praticantes (Imagem A) e indicando-se o erro mais crítico (Imagem B).

Para servir como modelo da performance adequada, realizou-se a filmagem do desempenho executado corretamente por outra praticante ou por pesquisadoras participantes, resultando na Imagem C (sem identificar o rosto), que apresentava o aspecto positivo destacado.

Após a preparação das imagens, mostrou-se às desportistas dois vídeos sobre o desempenho delas que haviam sido gravados, em velocidade normal e lenta, pedindo-se que elas destacassem o aspecto positivo em suas atuações.

Em seguida, com as imagens dispostas lado a lado, comentou-se o aspecto positivo apresentado na Imagem A e o aspecto negativo demonstrado na Imagem B. Posteriormente, a Imagem A foi substituída pela Imagem C chamando-se atenção para o contraste entre as técnicas corretas e o modo como as participantes estavam executando a habilidade motora.

Após a exposição do material e a conversa sobre qual habilidade havia sido escolhida para trabalhar e o motivo, perguntou-se às praticantes as opiniões delas sobre o que estava certo e o que estava errado em seus desempenhos.

Foi ressaltado que a ação desempenhada com o erro motor poderia acarretar lesões, além de prejudicar a partida. Com o asseguramento de que as praticantes aceitaram seu erro passou-se para a fase da superação do erro motor.

Nessa etapa as praticantes foram submetidas às sessões similares e individuais de treinamento, sendo que continuaram com os treinos usuais do time e demais atividades físicas de suas rotinas.

As atividades foram aplicadas pela prática em blocos e tiveram como base de desenvolvimento a taxonomia bidimensional de Gentile (1987), iniciando-se a prática com o membro não dominante.

Após finalizados os 16 níveis da taxonomia, com a prática desempenhada apenas pelo membro não dominante, as participantes retornavam ao primeiro nível realizando cada atividade com a alternância

entre perna não dominante e dominante. Vale ressaltar que, ao longo das práticas, o pesquisador tinha em posse um pequeno kit de primeiros socorros para utilizar, caso necessário.

Durante as práticas também foram fornecidos feedbacks verbais intermitentes e antes das correções era incentivado, com perguntas, que as participantes percebessem como estavam seus desempenhos. Quando elas não identificavam o erro recebiam indicações do que deveria ser corrigido (conhecimento de desempenho prescritivo), mas precedendo a informação do erro era "elogiado" algo que tinha sido desempenhado de maneira correta.

Finalizada a segunda fase do método ASEM, as participantes foram filmadas de novo para confirmar se superaram o erro mais crítico. Com essa filmagem deu-se origem a Imagem D que foi posicionada ao lado da Imagem B como forma de comparar o antes e o depois. As comparações foram mostradas a cada praticante oito dias após o término do seu treinamento, ocasião em que foi realizada a entrevista semiestruturada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar das praticantes (média de idade de 21,6 anos;  $\pm 3,0$ ), todas destros, não serem iniciantes no que diz respeito ao tempo de prática, na maioria das habilidades motoras foi possível perceber que encontravam-se na fase cognitiva de Fitts e Posner (1967), apresentando características da fase associativa nas habilidades dominar e chutar, com exceção de uma participante que estava totalmente na fase cognitiva (dominar).

Com relação aos resultados da primeira fase de aplicação do método ASEM todas aceitaram seu erro motor, sendo que duas praticantes prontamente aceitaram o seu erro e uma inicialmente não aceitou (somente quando foram apresentadas as imagens com o erro da praticante e o modelo, bem como foi falado o que deveria ser consertado e as vantagens desse ajuste, o erro motor foi aceito).

Dependendo da pessoa, a aceitação também precisa ser promovida por fatores exógenos. Foi observado em pesquisa com pacientes terminais que alguns chegavam à aceitação da morte inevitável a partir de reflexões próprias enquanto outros necessitavam de algum auxílio externo para

poderem atingir a aceitação (Kübler-Ross, 1996).

A aceitação do erro motor ocorre no momento em que o participante consegue perceber e admitir o erro motor que executa, porém quem aplica o método ASEM deve estar atento para perceber se essa aceitação foi de fato verdadeira ou se a falsa anuência está sendo usada pelo praticante para mascarar seu inconformismo, necessitando de outros estímulos para assumir que errou (Martins, 2018).

Os resultados sugerem que a aceitação do erro motor seria independente da habilidade trabalhada, configurando-se como um fator intrínseco ao participante, pois a aceitação do erro na habilidade dominar foi diferenciada entre as praticantes. Como certas pessoas precisam de mais argumentos para aceitarem seus erros, a exposição de imagens e o provimento das informações verbais fundamentadas na melhoria do desempenho, facilitadas pelo método ASEM, indicaram ter sido uma eficiente forma de convencimento.

O domínio solado ( $n = 2$ ) e o chute com a face interna do pé ( $n = 1$ ) foram treinados em seis dias em média ( $\pm 1$ ), aplicando-se a taxonomia pela segunda vez mais rapidamente do que quando foram inicialmente praticados apenas com o membro não dominante, sendo que em nenhum momento foi preciso utilizar o kit de primeiros socorros.

Salienta-se que, apesar de existirem habilidades mais complexas que outras, o que determinou a duração dos treinamentos foi o aperfeiçoamento das participantes nas atividades e não a habilidade em si, já que a mesma habilidade (ex.: domínio solado) foi treinada por seis dias por uma praticante e por cinco dias para outra.

Ao longo da aplicação das atividades, quando perguntado às participantes sobre algo errado em seu desempenho, na maioria das vezes elas conseguiram detectar o erro com o uso do feedback inerente, consertando-o na tentativa subsequente. Quando não conseguiam identificar o erro (falta de foco) foi fornecido o feedback aumentado.

Assim, principalmente nas primeiras atividades foi fornecido o conhecimento de desempenho prescritivo e à medida que as falhas foram diminuindo passou a ser informado o conhecimento de desempenho descritivo, decrescendo a frequência do emprego do feedback.

Em relação às impressões gerais das praticantes sobre o método, ficaram aparentes questões como o auxílio de imagens, o reconhecimento do erro e o aprendizado da movimentação e postura corporal corretas, conforme pode ser observado nos discursos a seguir:

Ah, eu gostei porque eu vi o resultado agora, né? Que [breve pausa] a minha postura tava um pouco pra baixo e agora tá melhor. (Safira, 19 anos).

Eu achei muito interessante [...] Porque muitas vezes a gente pratica o esporte há muito tempo [...] mas eu não sabia identificar onde tava o erro. Então, a partir de agora eu consegui já me orientar enquanto a isso [...]. (Jade, 21 anos).

Eu achei massa! O ruim era só o negócio da perna mesmo, pra lembrar, lembrar de sempre, tá sempre com a cabeça, é [breve pausa] olhar pra frente. É muito ruim lembrar. (Rubi, 25 anos).

Estudos apontaram que o aprendizado de um novo padrão se dá não pelo fato de o cérebro deletar o padrão antigo, mas sim por ser capaz de identificar o erro, adotando o reconhecimento do padrão equivocado como primeiro passo para aprimorar a técnica (Herzfeld e colaboradores, 2014).

Para facilitar o reconhecimento do erro o uso de imagens pode ser empregado, visto que o recurso visual apresenta a capacidade de auxiliar a aceitação do erro pelo fato do registro na forma de imagem ser de difícil contestação e da comparação entre o antes e o depois favorecer a identificação do aperfeiçoamento alcançado com a aplicação do método ASEM.

Antes da aplicação do método a praticante Jade expressou que não sabia o que fazia errado, indicando que a identificação do erro foi conseguida no decorrer da aplicação dos estímulos provenientes do método ASEM.

Um dos elementos da memória de trabalho é a capacidade de realizar triagem nas informações, dar atenção a determinada tarefa e ignorar distrações, sugerindo que os que têm maior capacidade de memória conseguem eliminar distrações e utilizar aspectos relevantes com mais eficiência, enquanto pessoas com menor capacidade codificam mais estímulos, incluindo os irrelevantes (Rodrigues, 2015).

Apesar da dificuldade de recordar e reproduzir o que era requisitado com a

aplicação do método ficou aparente no discurso de Rubi o esforço que fez para se aperfeiçoar, salientando que características individuais, incluindo a capacidade da memória de trabalho, podem ser determinantes para agilizar esse processo.

Com relação à categoria pontos positivos do método ASEM, foram abordados temas como a monotonia no treinamento, o uso do membro não dominante e o reconhecimento dos benefícios advindos dos aspectos trabalhados:

Eu gostei do... do jeito que... tipo assim, no começo, né? [...] Eu achava bem chatinho, né? Eu pensava que ia fazer tudo em dois dias, que já ia pegar, mas foi... eu gostei do jeito que ensinou e tal. (Safira, 19 anos).

[...] começando com a, com a esquerda foi um, um processo [...] que é o meu caso, né? Com a esquerda, que é o meu não dominante [...] eu tendo mais essa noção de fazer com a não dominante, quando eu passei pra dominante eu já consegui realizar mais fácil [...]. (Jade, 21 anos).

Um aspecto positivo é a do olhar pra frente [...] Pronto, isso foi uma boa, porque assim, a gente vê mais [...] amplamente, todo mundo na frente, dá pra ver, circular a bola melhor também. E a posição da perna eu acho que quando a pessoa estende tem mais, como eu posso dizer? O tempo de chegada até a bola diminui [...] eu gostei. (Rubi, 25 anos).

Em um estudo sobre futsal foi apresentado que 25% dos participantes apontaram a monotonia nos treinamentos (repetição dos exercícios) como causa de desistência da prática entre meninos de 13 anos, indicando a importância de escolher um método que mantenha a motivação do aprendiz e estimule-o a continuar superando obstáculos existentes e/ou propostos (Tobias, Cazella e Ribeiro, 2016).

A suposição inicial feita por Safira era de que as práticas seriam maçantes, mas ela vivenciou ao longo da aplicação do método desafios a serem superados, contribuindo para seu aprendizado. Portanto, é necessário adequadamente dosar o nível das atividades para devidamente estimular o praticante, possibilitando que o desafio de aprender uma habilidade motora primeiramente com o membro não preferencial seja empregado.

Um estudo com 42 estudantes universitários destros e com média de idade

de 20 anos que necessitavam realizar tarefa com uma das mãos mostrou que 48 horas de restrição sensoriomotora em um dos membros superiores proporcionou transferência da habilidade entre os membros, indicando que a imobilização pode levar à transferência bilateral de aprendizagem (Meugnot e Toussaint, 2014).

Apesar de não ser possível apagar da memória a forma errada de executar o movimento (Schmidt e Lee, 2016), o fato de o método trabalhar inicialmente com a perna não dominante (raramente estimulada) parece ter funcionado como um “restart”, auxiliando a transferência de aprendizagem para a posterior execução correta da habilidade com o membro dominante.

Com relação às correções feitas nas habilidades praticadas, a fala de Rubi reflete o aperfeiçoamento da postura corporal alcançado, indiretamente indicando a importância do feedback trabalhado durante a aplicação do método.

Durante o aprendizado de uma nova habilidade motora o aprendiz lida com muitas informações, além do fato de não ter certeza de como desempenhar o movimento para atingir a meta da habilidade, propiciando que o feedback inerente não seja suficiente para promover a adequada aprendizagem. Portanto, usa-se o feedback aumentado, utilizado durante ou após desempenho satisfatório ou insatisfatório da habilidade motora, conforme reportado em estudo com praticantes do nado crawl (feedback inerente associado ao feedback aumentado terminal) (Katzner e colaboradores, 2015).

No presente estudo o feedback aumentado mostrou-se como uma ferramenta útil na correção das habilidades dominar e chutar, inclusive auxiliando o reconhecimento das próprias praticantes com relação aos seus desempenhos ao adicionar informações ao feedback intrínseco.

No quesito relacionado aos pontos negativos do método ASEM as praticantes referiram direta ou indiretamente a monotonia inicial, o tempo de repetição da atividade e a validade ecológica, como pode ser notado a seguir:

Não, eu gostei. Como eu falei, né, no começo eu achava meio chatinho mas depois eu comecei a gostar. Acho que não tem nenhum ponto negativo não. (Safira, 19 anos).

Não sei, não vi nada, nada negativo. Só que assim, eu só achei era muito difícil fazer sem a bola, mas eu sei que é uma fase necessária. (Jade, 21 anos).

Ah, a questão de ser sempre só com uma perna [...] Porque só fazer só com uma perna cansa, aí é bem complicado. E como a pessoa, não é, a perna dominante, aí é complicado. (Rubi, 25 anos).

A importância de utilizar fundamentos da aprendizagem motora para o ensino da técnica, fornecendo feedback e estabelecendo metas ao longo das atividades propostas (Waltrick e Reis, 2016), pode fazer com a motivação do praticante flua naturalmente, mesmo em atividades repetitivas.

Pelo fato da prática em blocos, utilizada no método ASEM, ser extremamente repetitiva, quem aplica o método deve estar sempre atento a motivar periodicamente o praticante, inclusive com o uso de feedback, além de elaborar claras metas a serem alcançadas nas atividades como forma de manter o foco do indivíduo, mesmo se não espelharem muita proximidade com a situação real.

A validade ecológica, que indica a necessidade do ambiente no qual os testes ou atividades são aplicados tenham estímulos externos e o próprio contexto o mais próximo possível das situações reais (Rodrigues, 2017), deve ser buscada em qualquer treinamento para otimizar o desempenho do praticante.

Na taxonomia bidimensional de Gentile com bola (Martins, 2018), utilizada para guiar as atividades aplicadas, existiram etapas que exigiram das praticantes o desempenho da habilidade sem o uso de objetos ou pessoas, assim como atividades que foram desempenhadas com bola e indivíduo que fez o papel de um adversário, com o intuito de proporcionar uma progressão suave das dificuldades que precisaram ser vivenciadas (refletindo os princípios da validade ecológica).

Apesar da metodologia sistêmica não promover a repetitividade pelo fato de embasar o treinamento em jogos (Filgueiras, 2014), práticas como as proporcionadas pelo método ASEM, que utilizam a repetição, podem ser benéficas desde que fatores como o aproveitamento adequado do feedback e a criação de desafios (como desempenhar com o membro não preferencial), dentre outros, estejam presentes.

As sugestões para melhoria do método relatadas foram relacionadas a mais práticas que refletissem as condições do jogo:

Eu não sei [...] Eu acho que, as partes mais com bola, acho que era importante ter mais, ter negócio de tá com a bola mais vezes, acho que isso. (SAFIRA, 19 anos).

Não sei, eu gostei da metodologia [...] A bola parada, é mais complicado de fazer parado do que em movimento. [...] e sempre a bola parada aí eu tenho que pensar: eu não posso arrastar, eu não posso arrastar. Aí é difícil. (RUBI, 25 anos).

Ainda que a bola seja o objeto central de foco e conseqüentemente, de disputa no futsal, tornando sua presença nos treinamentos essencial (Miguel, 2015), no método ASEM o desempenho sem a bola é empregado para proporcionar que o praticante realize adequadamente os movimentos que compõem a habilidade sem a preocupação de manipular um objeto antes de desempenhar a mesma atividade com o objeto, bem como desempenhar a habilidade sem deslocamento corporal antes de desempenhá-la com o transporte corporal, com o intuito de facilitar a aprendizagem.

Nas demais observações sobre o método as praticantes indicaram ter gostado da experiência vivenciada e reconhecido o aperfeiçoamento conquistado:

[...] Que eu gostei de ter participado do projeto e acho que vi uma melhoria muito grande. Como tu me mostrou as fotos de antes e do depois, acho que o projeto foi bem feito. (Safira, 19 anos).

Assim, eu acho que o projeto ele é muito importante para todas as atletas, assim, porque [breve pausa] algumas pessoas têm a consciência de que não faz tudo corretamente. Algumas pessoas não têm essa consciência, que acham que estão fazendo tudo correto, se você for intervir ela não vai acreditar e tal [...] eu vi que é uma evolução [...] então assim, de verdade, assim, eu fiquei muito feliz com a oportunidade. (Jade, 21 anos).

A metodologia foi boa, não tenho mais o que falar. (Rubi, 25 anos).

A demonstração, que pode otimizar a aprendizagem de habilidades motoras no futsal (Brandão e colaboradores, 2016) e em outros esportes, também apresenta a capacidade de ser viabilizada por meio de imagens.

No método ASEM, as imagens utilizadas no começo e no final do processo serviram como demonstração da habilidade, forma de reconhecimento e de aceitação do erro motor, além da confirmação do aperfeiçoamento na performance, sugerindo que foi válido o uso desse recurso.

Por fim, sobre os sentimentos com relação à entrevista, foi possível verificar que as praticantes se sentiram à vontade:

Me senti bem. Consegui responder [Risada] (Safira, 19 anos).

Tranquilo, de boas, natural assim, achei tudo ótimo. (Jade, 2018).

A entrevista eu sou, eu tenho vergonha, mas tá... tá... tá bom (Rubi, 2018).

A personalidade é formada por diferenças interindividuais e construída através de aspectos como temperamento, necessidades e motivos, por exemplo, fazendo com que o comportamento pessoal dependa de como o sujeito compreende o meio no qual está inserido e o seu papel nele. Portanto, o desenvolvimento da personalidade também pode sofrer influência de processos de aprendizagem e de socialização (Samulski, 2009), devendo ser contemplado pelos que guiam esse processo.

Independentemente de suas personalidades nenhuma praticante se mostrou constrangida com a entrevista e todas pareceram estar satisfeitas com seus desempenhos e suas participações, tanto nas atividades quanto na entrevista, diminuindo a possibilidade de relatarem assuntos incoerentes com o que vivenciaram.

## CONCLUSÃO

A percepção das praticantes sugeriu que o método ASEM foi eficaz ao aperfeiçoar as habilidades dominar e chutar no futsal, indicando que estudos futuros, utilizando uma amostra maior, com diferentes habilidades motoras do futsal, de outros esportes e contemplando situações de jogo, sejam realizados para melhor analisar o referido método.

## REFERÊNCIAS

1-Aburachid, L. M. C.; e colaboradores. O nível de coordenação motora após um programa de treino em futsal. *Revista Brasileira de Futsal e*

- Futebol. Vol. 7. Num. 23. p. 25-34. 2015. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/311/256>>. Acesso em: 21/05/2018.
- 2-Brandão, M.; e colaboradores. Uso de demonstração melhora a performance motora de meninos em habilidades do futsal. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. Vol. 8. Num. 31. p. 334-339. 2016. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/459/374>>. Acesso em: 23/07/2018.
- 3-CBFS, C. B. D. F. D. S. Livro Nacional de Regras, 2018. Disponível em: <[http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/regras/livro\\_nacional\\_de\\_regras\\_2018.pdf](http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/regras/livro_nacional_de_regras_2018.pdf)>. Acesso em: 12/08/2018.
- 4-David, G. B.; Picanço, L. M.; Reichert, F. F. Análise de fatores determinantes do gol no futsal feminino. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. Vol. 6. Num. 19. p. 18-26. 2014. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/225/208>>. Acesso em: 03/06/2018.
- 5-Filgueiras, L. F. A. S. Comparação entre a metodologia de abordagem sistêmica e a metodologia tecnicista: razões para promover o processo de ensino aprendizagem dos JECS através de jogos. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. Vol. 6. Num. 22. p. 317-321. 2014. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/230/252>>. Acesso em: 07/10/2018.
- 6-Fitts, P. M.; Posner, M. I. *Human Performance: basics concepts in psychology series*. Belmont. CA: Brooks/Cole Pub. Co. 1967.
- 7-Gentile, A. M. Skill acquisition: action, movement and neuromotor process. In Carr, J.H.; Sheperd, R.B.; Gordon, J.; Gentile, A.M.; Held, J.M. (Eds.), *Movement Science: foundation for physical therapy in rehabilitation*, p. 93-154. Rockville. MD. Aspen. 1987.
- 8-Herzfeld, D. J.; e colaboradores. A memory of errors in sensorimotor learning. *Science*. Vol. 345. Num. 6202. p. 1349-1353. 2014. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/345/6202/1349.full>>. Acesso em: 29/09/2018.
- 9-Katzer, J. I. Conhecimento de performance com base no Teste do Desempenho Motor do Nado Crawl, na aprendizagem do nado crawl. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 37. Num. 3. p. 245-250. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n3/0101-3289-rbce-37-03-0245.pdf>>. Acesso em: 21/10/2018.
- 10-Klüber-Ross, E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução de Paulo Menezes. 7ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 1996.
- 11-Martins, C. O. Da escola ao alto rendimento: como facilitar o feedback adequado [no prelo]. Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional. 18p. 2018.
- 12-Meugnot, A.; Toussaint, L. Functional plasticity of sensorimotor representations following short-term immobilization of the dominant versus non-dominant hands. *Acta Psychologica*. Num. 155. p. 51-56. 2015.
- 13-Miguel, H. Treinamento tático no futsal. Londrina. Sport Training. Teoria e metodologia do treinamento desportivo. 2015.
- 14-Orlandi, E. P. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas-SP. Pontes. 2001.
- 15-Rodrigues, P. F. S. Processos cognitivos visuoespaciais e ambiente visual circundante: implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 32. Num. 4. p. 1-10. 2017.
- 16-Samulski, D. *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2ª edição. Manole. 2009.
- 17-Schmidt, R. A.; Lee, T. D. Aprendizagem e performance motora: dos princípios à aplicação. Tradução Denise Costa Rodrigues. Revisão técnica Ricardo Petersen. 5ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2016.
- 18-Thomas, J. R.; Nelson, J. K.; Silverman, S. Métodos de pesquisa em educação física. Tradução de Denise Regina de Sales e Márcia dos Santos Dornelles. 5ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2007.
- 19-Tobias, W. O.; Cazella, R. D.; Ribeiro, D. A. Fatores relacionados à desistência da prática

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

---

do futsal em crianças e adolescentes. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Vol. 8. Num. 29. p. 181-189. 2016. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/411/351>>. Acesso em: 08/09/2018.

20-Voser, R. C. Futsal: princípios técnicos e táticos. 2ª edição. Canoas. ULBRA. 2003.

21-Waltrick, R. D.; Reis, M. A dos. Iniciação e formação de atletas em futsal - desenvolvimento técnico-tático e metodologias de ensino. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Vol. 8. Num. 31. p. 302-312. 2016. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/345/369>>. Acesso em: 25/09/2018.

Endereço para correspondência:

Violeta Vieira de Brito.

Av. Eutiquiano Barreto, 645/apto. 404,  
Manaíra, João Pessoa-PB.

CEP: 58038-311.

Recebido para publicação em 14/11/2018

Aceito em 06/01/2019